

Há uma história que sempre desperta o interesse de pais e educadores porque é ao mesmo tempo muito bem-humorada e realista:

Dois meninos de cinco anos estão numa espaçosa área de lazer. Não há brinquedos por perto. Um deles é magro e alto. O outro é gordo e baixo. Naturalmente, resolvem brincar.

O magro propõe:

“É pega-pega, e você é o pegador!”

E já sai em tal disparada que o gordo, com seus passos lentos e pesados, tem dificuldades de acompanhar. Quando este percebe a distância entre os dois aumentando cada vez mais, toma consciência de que não conseguirá alcançar o outro tão cedo. Então pára, estica o braço e, apontando com o indicador, grita:

“Aí não vale!”

O magro imediatamente pára, mesmo sabendo que não tinha sido combinado que ali não valeria.

Nesse momento da palestra, pergunto ao público:

“Por que o magro parou?”

Percebo que cada um busca dentro de si uma boa resposta. Para facilitar, eu mesmo respondo:

“Para continuar brincando! Se o magro continuar correndo, a brincadeira acaba, não é?”

O magro volta até o gordo com os ombros meio caídos, pois sabe que agora é a vez daquele propor outra brincadeira. O gordo, vendo o magro bem próximo, diz:

“É luta livre!”

E já avança no magro, dá-lhe uma “gravata”, derruba-o e aperta o pescoço do menino, que, à beira do desmaio, dá umas palmadinhas no braço do gordo em sinal de que está se rendendo.

Nesse momento, pergunto de novo ao público:

“Por que o gordo pára de enforçar o magro?”

“Para continuar a brincadeira!”, responde o público.

E eu arremato:

“E também porque com morto não se brinca!”

Após a gargalhada geral, volto ao tema: as crianças sabem, intuitivamente, que a brincadeira é um tipo de relacionamento em que um depende do outro. Para continuar a brincar é necessário que aceitem, nessa experiência de sociedade que elas mesmas criaram uma série de regras:

- Cada criança escolhe a brincadeira na qual tem melhor desempenho, pois sempre quer ganhar.
- Cada criança dá o máximo de si e, se alguém faz “corpo mole”, isso significa que não está levando a brincadeira a sério.
- Uma criança não pode exigir da outra mais que esta pode fazer; portanto, o limite é estabelecido por aquele que menos habilidades têm para determinada brincadeira.
- Quando uma criança diz que não agüenta mais, a outra é obrigada a parar, por mais que queira continuar brincando.
- Se um escolhe uma primeira brincadeira, o outro tem direito a escolher a segunda.

O que não aparece na história, mas pode acontecer, é que, quando uma criança desrespeita o limite da outra, esta geralmente solta um grunhido (“Ah, é assim?”) e parte para briga. Portanto, toda brincadeira pode rapidamente transformar-se em conflito, e os adultos terão muitas dificuldades para identificar quem começou a briga.

Se as crianças aceitam os limites intrínsecos à convivência numa brincadeira, é porque sabem que não podem brincar fazendo tudo o que têm vontade. Precisam aceitar uma composição, uma sociedade com o outro.

As crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio de imitação, da experimentação e da invenção.

Quando os pais permitem que os filhos, por menores que sejam, façam tudo o que desejam, não estão lhes ensinando noções do que podem ou não podem fazer. Os pais usam diversos argumentos para isso: “eles não sabem o que estão fazendo”; “são muito pequenos para aprender”; “vamos ensinar quando forem maiores”; “sabemos que não devemos deixar... mas é tão engraçadinho” etc.

É preciso lembrar que uma criança, quando faz algo pela primeira vez, sempre olha em volta para ver se agradou alguém. Se agradou, repete o comportamento, pois entende que agrado é aprovação, e ela não tem condições de avaliar a adequação do seu gesto.

Portanto, cada vez que os pais aceitam uma contrariedade, um desrespeito, uma quebra de limites, estão fazendo com que seus filhos não compreendam, e rompam o limite natural para seu comportamento em família e em sociedade. Deixar que as situações transcorram sem uma intervenção clara é como se, na brincadeira entre o gordo e o magro, o filho, mesmo ouvindo “aí não vale!”, continuasse correndo; ou como se os pais pedissem para o filho parar, mas este continuasse a enforcá-los. Apesar de ser fisicamente mais fortes, os pais que não reagem à quebra de limites dos filhos acabam permitindo que estes, muito mais fracos, os maltratem, invertendo a ordem natural de que o mais fraco deve respeitar o mais forte.

A força dos pais está em transmitir aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo, e assim por diante. Um brinquedo é aceitável, mas quebrar o

brinquedo meia hora depois de ganha-lo e pedir outro é inaceitável. É importante estabelecer limites bem cedo e de maneira bastante clara porque, mais tarde, será preciso dizer ao adolescente de quinze anos que sair para dar uma volta com o carro do pai não é permitido, e ponto final.

O estudo é essencial; portanto, os filhos têm obrigação de estudar. Caso não o façam, terão sempre que arcar com as conseqüências de sua indisciplina, que deverão ser previamente estabelecidas pelos pais. Só poderão brincar depois de estudar, por exemplo. No que é essencial, os pais deverão dedicar mais tempo para acompanhar de perto se o combinado está sendo levado em consideração. Os filhos precisam entender que têm a responsabilidade de estudar e que seus pais os estão ajudando a cumprir um dever que faz parte da “brincadeira” da vida.

Hoje, os grandes responsáveis pela educação dos jovens – na família e na escola – não estão sabendo cumprir bem seu papel. É a falência da autoridade dos pais em casa, do professor em sala de aula, do orientador na escola. Discussões homéricas surgem nas famílias por causa de indisciplina, dificultando bastante a convivência entre as partes. Mães ficam mal-humoradas porque as crianças bagunçam o quarto e pais se exasperam porque os filhos os filhos se esquecem de apagar a luz. Porém o pior ocorre quando um filho responde mal. Isso lhes estraga o dia.

Muitos alunos também não respeitam seus professores, e essa indisciplina prejudica o ensino e a aprendizagem. Professores e orientadores têm dificuldade em estabelecer limites na sala de aula e não sabem até que ponto devem intervir em comportamentos inadequados que ocorrem nos pátios escolares.

Onde foi que os educadores se perderam? Antes de responder a qualquer pergunta, é preciso levar em conta que essa geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e sofrido. Para facilitar a compreensão, seguirei a seqüência: primeira, a geração dos avós; segunda, a geração dos pais e professores; terceira, a geração dos jovens.

Pois bem, a primeira geração educou seus filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical – o pai no ápice e os filhos na base. Esta era obrigada a cumprir tudo o que o ápice determinava. Com isso, a segunda geração foi massacrada pelo autoritarismo dos pais, e decidiu refutar esse sistema educacional na educação dos próprios filhos. Na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a permissividade.

A Psicologia contribuiu muito para isso ao divulgar frases como: “Não reprima seu filho”, “Seja amigo de seus filhos”, “Liberdade sem medo”. Boa parte dos adultos quis aderir ao modelo horizontal, em que pais e filhos têm os mesmos direitos, evitando neuroticamente o uso da autoridade, por confundi-la com autoritarismo.

As intensas mudanças vividas de maneira muito rápida pela segunda geração tiveram um custo na educação da terceira, cujo preço, provavelmente alto, ainda não podemos estimar. Esses jovens ficaram sem noção de padrões de comportamento e limites, formando uma geração de “príncipes” e “princesas” com mais direitos que deveres, mais liberdade que responsabilidade, mais “receber” que “dar” ou “retribuir”.

Tais “príncipes domésticos” querem ser também, “príncipes sociais”, mas acabam frustrados, pois as regras da sociedade são outras, muito diferentes das válidas na família. As instituições de ensino, cuja tarefa é introduzir as crianças nas normas da sociedade, muitas vezes se omitem. **O professor também perde a autoridade inerente à sua função** Quanto maior a perda, mais anárquica tornou-se a aula. Ao admitir um “príncipe escolar”, em vez de ajudar o aluno a viver em sociedade, o professor acaba por prejudicar seu crescimento.

É preciso recuperar a autoridade fisiológica, o que não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações. Autoridade é algo natural e que deve existir sem descargas de adrenalina, seja para se impor, seja para se submeter, pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes. Desse modo, o relacionamento desenvolve-se sem atropelos. O autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias, provocando submissão e mal-estar tanto na adrenalina daquele que impõe quanto na depressão daquele que se submete.

É essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. E para isso é necessária a presença de uma autoridade saudável. O segredo que difere autoritarismo do comportamento de autoridade adotado para que a outra pessoa (no caso, filhos ou alunos) torne-se mais educada ou disciplinada está no respeito à auto-estima.

Este livro pretende ajuda-lo a exercer sua autoridade – sem culpas, com segurança e bom senso. Filhos precisam de pais para ser educados; alunos, de professores para ser ensinados. Estes até podem ser amigos, porém não mais amigos do que pais; não mais amigos do que professores.

Você, pai ou professor, é o educador, e não pode se esquivar da tarefa de apontar, na medida certa, os limites para que os jovens se desenvolvam bem e consigam situar-se no mundo.

- O leite alimenta o corpo. O afeto, a alma. Criança sem alimento fica desnutrida. Criança sem afeto entra em depressão.
- Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. Liberdade absoluta não existe, pois está sempre relacionada a algo.
- A criança não sabe o que é liberdade pessoal. Simplesmente faz o que tem vontade de fazer.
- Os seres humanos têm inteligência para sofisticar a saciedade dos seus instintos e superar as dificuldades, solucionando conflitos para atingir a felicidade. Uma criança naturalmente quer fazer apenas o que tem vontade.
- Uma educação severa, em que o erro é castigado e o acerto nem sempre é premiado, gera pessoas tímidas. Portanto, a timidez é uma criação dos homens.

- A timidez paralisa, preenche a cabeça com pensamentos de baixa estima e insucesso. Tímidos têm baixa apreciação sobre si mesmos porque seus pais, excessivamente críticos, não lhes deram a segurança de ser amados, mas aprovados ou não.
- O sacrifício de um ser humano não pode estar baseado no comportamento folgado de outro. A verdadeira felicidade deve ser boa para os dois.
- Os pais precisam encontrar um jeito, seja como for, de dar atenção para o filho no momento em que ele pedir. Não adianta enche-lo de atenções quando ele não quer.
- Um dos problemas mais sérios no relacionamento entre irmãos é que o primeiro perde o reino quando nasce o segundo, pois a casa passa a funcionar no ritmo da criança menor.
- Uma criança satisfeita dá liberdade para os pais. Estando insatisfeita, exige atenção o tempo inteiro.
- Em geral, a mulher é muito mais mãe que fêmea. Assim como o homem é muito mais macho que pai.
- Os filhos sentem-se amados pelo interesse que os pais demonstram mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repreensivas ou aprovativas, porque nelas encontram referências.
- Os pais precisam estar atentos à questão da convivência. Devem observar que os filhos não exigem ação dos pais o tempo todo. Mas exigem, a cada tempo, um pouco. Por isso, vale a pena atender na hora em que o filho solicita.
- De pouco adianta determinar e controlar o horário de estudo do jovem em casa. Ele que estude quando e como puder. O mais importante é que aprenda e demonstre que aprendeu.
- O professor é o cozinheiro, que vai preparar a informação de forma que o aluno possa consumi-la durante a aula, o momento da refeição.
- A digestão da informação não depende do cozinheiro, da mãe ou do professor. Depende exclusivamente do aluno.
- O grande ácido que digere essa comida é a imaginação, a nossa capacidade de criar imagens mentais. É como se estivéssemos vendo o que já foi dito. O conhecimento integra-se muito facilmente quando associado à imagem. Prova disso é que registramos mais as situações vividas que as simplesmente lidas.
- Evite que seu filho estude na poltrona ou no sofá, pois a posição que esses confortáveis móveis exigem mais favorece o descanso que o estudo.
- Mesmo que não tenha lição de casa para fazer, a criança deve repassar as matérias dadas naquele dia. Mas não basta ler com os olhos, precisa ler em voz alta, fazer resumo.
- A criança tem de ser educada para saber o que deve e pode comer, como e quando; a que horas deve dormir e acordar etc. O mesmo deve ocorrer com as demais atividades.
- Para viver em sociedade, o ser humano não necessita apenas de inteligência. Precisa viver segundo a ética, participando ativamente das regras de convivência e encarando o egoísmo, por exemplo, como uma deficiência funcional social.
- COMPORTAMENTO ESTILO VEGETAL ser humano funciona basicamente como a planta, que precisa ser cuidada por terceiros. Sua força concentra-se na sobrevivência. Ex: o recém-nascido, pacientes em coma etc.
- COMPORTAMENTO ESTILO ANIMAL. É quando o ser humano busca somente saciar seus instintos ou quando se deixa guiar apenas por um condicionamento, sem criticá-lo ou repensa-lo dentro dos parâmetros da ética, da lei etc. É o caso da voracidade mórbida que leva as pessoas a comer demais, a buscar poder acima de tudo, a lançar-se compulsivamente à compra de bens materiais, a consumir drogas, a cometer crimes como o estupro etc.
- COMPORTAMENTO ESTILO HUMANO. Neste caso, o indivíduo utiliza sua inteligência para superar as dificuldades naturais da vida, a fim de resolver os conflitos de convivência, de buscar a felicidade e não somente a saciedade que o estilo animal procura. Entram aqui valores como cidadania, ética e religiosidade, incluindo virtudes como respeito ao próximo, disciplina, gratidão etc. Elaborei uma teoria na qual enfoco o conceito da saúde social, que pode ser encontrada nos livros da coleção.
- “Integração Relacional”, da Editora Gente. O leitor encontrará nessas obras mais detalhes sobre esse tema atualíssimo.
- Acredito que quanto mais o ser humano aprende, mais deseja aprender. O ignorante julga que já sabe o suficiente e não se interessa em procurar novos conhecimentos.

LIMITES E DISCIPLINA NA ESCOLA

O desafio dos professores

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha. **Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola**

Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos no caso: professor e aluno, além das características do ambiente.

O professor é essencial para a socialização comunitária e tem, basicamente, quatro funções:

1. **PROFESSOR PROPRIAMENTE DITO** Para poder ensinar, é necessário saber o que se ensina. Isso se aprende no círculo profissional. Saber como ensinar: o professor precisa conseguir transmitir o que sabe. Pode ser um comunicador nato ou vir a desenvolver essa qualidade por meio da própria experiência.

2. **COORDENADOR DO GRUPO DE ALUNOS** Esta função não é habitualmente ensinada no currículo, pois exige um conhecimento mínimo de dinâmica de grupo, bem como noções básicas de psicologia para manter a autoridade de coordenador. Sala de aula não é consultório; escola não é clínica. Portanto, na função de

coordenador de alunos, o professor tem que identificar as dificuldades existentes na classe para poder dar um bom andamento à aula.

3. **MEMBRO DO CORPO DOCENTE.** Um professor pode ouvir a reclamação de um aluno sobre outro professor e fazer com que chegue ao envolvido para que este possa tomar alguma providência no sentido de responder adequadamente à reclamação. Seria falta de lealdade ficar sabotando os colegas perante os alunos. Os professores devem ajudar-se mutuamente, como fazem os estudantes. Se muitos alunos queixam-se de um único professor, é sinal de que algo está errado. A única forma de solucionar um problema é identificar o erro. Como todo o ser humano, o professor também pode estar errado. O fato de ser professor não é garantia de estar sempre certo.

4. **EMPREGADO DE UMA INSTITUIÇÃO** Como todo empregado, o professor tem direitos e obrigações. Eventuais insatisfações ou desavenças empregatícias devem ser resolvidas por meio dos canais competentes. Não podem (nem devem!) ser descarregadas nos alunos, que não têm a ver com o problema. Os alunos correm o risco de ser manipulados pelo professor em virtude da própria posição de poder que ele exerce na classe.

A maior força do professor, ao representar a instituição escolar, está em seu desempenho na sala de aula. Portanto, ele não deve simplesmente fazer o que bem entender, sobretudo perante as indisciplinas dos alunos. Numa escola em que cada professor atua como bem entende, haverá, como toda a certeza, discórdias dentro do corpo docente e os alunos saberão aproveitar-se dessas desavenças, jogando um professor contra outro.

Por isso é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as indisciplinas mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor. Quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola. Sobre esse tema, a propósito, sugiro a leitura *Essa é a minha vida* de meu livro *Aprendendo*.

O aluno também é peça-chave para disciplina escolar e o sucesso do aprendizado. Atualmente, a maior dificuldade que encontra para estudar é a falta de motivação. Estudar para quê? Para passar de ano? Para ganhar presente? Para ter sabedoria? Para os pais não “pegarem no pé”? Entretanto, quando estão interessados em algum assunto em particular (computação, música, esportes, coleções etc...), são as pessoas mais animadas, empreendedoras e... disciplinadas.

O ensino fundamental e médio tende a ser aprovativo, o que estimula (no passado mais ainda) o estudo suficiente apenas para passar de ano, com conhecimentos, muitas vezes, descartáveis após a prova. Já o vestibular para a faculdade é um sistema competitivo e depende da sabedoria; portanto, a motivação para estudar é acumular saber, bem diferente de atingir uma média 5 para não repetir de ano.

No vestibular, o fator sorte é mais decisivo quanto menor for o conhecimento. Trata-se de um fator imponderável, que pode fazer “cair na prova” o que o vestibulando mais estudou e “não cair” justamente o que estudou. Portanto, quanto mais estudar, isto é, quanto mais conhecimento tiver, menos ele dependerá da sorte, afinal, mais preparado estará.

Os melhores alunos são os que acabam aprendendo mais, e os piores, menos. Em termos de sabedoria, quanto mais se sabe, mais se quer aprender. Em termos de ignorância, quanto menos se sabe, mais se pensa que não é preciso saber mais...

O ambiente também interfere na disciplina. **Classes muito barulhentas, nas quais ninguém ouve ninguém; salas muito quentes, escuras, alagadas ou sem condições de acomodar todos os estudantes são locais pouco prováveis de conseguir uma boa disciplina.**

No entanto, a condição ambiental mais prejudicial é o estado psicológico do grupo. Uma escola em crise, que esteja passando por greves e os conseqüentes conflitos entre grevistas e fura-greves, bem como brigas entre classe e professor, e aulas ministradas durante grandes eventos populares são situações que dificultam o aprendizado.

Um professor que trabalha numa instituição que sempre protege o aluno, o cliente, independentemente do fato de este estar ou não com a razão, não tem o respaldo da instituição quando precisa. Quem pode trabalhar bem nessas condições?

CARACTERÍSTICAS DE UMA CLASSE DE ALUNOS

O agrupamento de estudantes numa sala de aula apresenta algumas características importantes, tais como:

- * Apresenta alunos com idades cronológicas semelhantes, embora nem sempre o desenvolvimento emocional acompanhe a idade cronológica.
- * Estudantes de sexos diferentes, da mesma idade cronológica, têm desenvolvimentos emocionais distintos.
- * Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridade etc.).
- * Cada um tem suas características psicológicas pessoais.
- * Alunos transferidos de outras escolas podem ter históricos escolares bem diferentes dos históricos de seus novos colegas.
- * Para muitos estudantes, o lema é: “A escola é boa, o que atrapalha são as aulas”. Esse lema é válido principalmente para os alunos “problemáticos”.
- * O professor é analisado por todos os alunos.
- * O professor pode ser um canhão, mas cada aluno é um revólver...
- * O que o professor faz em uma determinada classe rapidamente torna-se do conhecimento de todos os alunos, sobretudo por intermédio daqueles que desejam “fulminar” o tal professor.

* Os “maus” alunos especializam-se na arte de “assassinar aulas”, ou seja, tirar o professor de sua função de dar matérias que caem em provas. É um vale-tudo: suscitar debates políticos e econômicos dentro da sala, levantar problemas psicológicos ou da administração da escola, jogar um professor contra outro, brincar de brigar entre os colegas...

* Nem todos da classe são “inimigos” do professor. Os alunos saudáveis (chamemos assim), em geral, são a maioria. Só que estes não chamam a atenção exatamente por não dar trabalho aos professores. Entre esses bons alunos há sempre aqueles que têm um sentimento positivo em relação ao professor. Tais alunos podem funcionar como pontos de referência da aula. O relacionamento do professor com esses alunos funciona como fios invisíveis que sustentam um objetivo. Às vezes acontece de o professor ser avisado, ao chegar à classe, por meio desses “fios invisíveis”, de que tem alguém passando mal ou aprontando alguma coisa. Não chega a se uma delação ou denúncia, mas um “recado entre amigos”.

Quanto maior for o número de “fios invisíveis” tecidos entre o professor e os alunos, maior será a integração dele com a classe. Não estou me referindo aos conhecidos “puxa-sacos”, aos bajuladores. Para estes, basta mudar o interesse que rapidamente trocam de “sacos a puxar”...

- Para “tecer” esses “fios invisíveis”, o professor pode valer-se de, basicamente, três fatores estimulantes:
 1. aspectos pessoais (simpatia, higiene pessoal, elegância, educação, costumes etc.);
 2. capacidade de comunicação;
 3. conhecimento da matéria.
- Do lado dos alunos, os “fios invisíveis” podem ser “tecidos” com base no desejo de aprender, na facilidade de compreender e no fato de sentirem-se bem durante a aula.

APRENDER PARA QUÊ?

Para aprender, é preciso receber a informação e digeri-la em pedaços compreensíveis, a ser incorporados ao corpo do conhecimento já existente.

Aprender é alimentar a alma.

Interação é a palavra da moda. Ensinar é unir o que soma, que enriquece professor e aluno. O abuso do poder pelo saber é medíocre, já que a ignorância pode ser transitória. A verdadeira sabedoria traz embutida em si a humildade. Ensinar passa a ser, assim, um gesto de amor.

PROFESSOR, O GRANDE COZINHEIRO

O PROFESSOR DEVE TER MUITA CRIATIVIDADE PARA TORNAR SUA AULA APETITOSA. Os temperos fundamentais são: alegria, bom humor, respeito humano e disciplina.

Haverá interesse do aluno pelo conteúdo do programa escolar sempre que houver uma correlação entre este e o dia-a-dia do estudante. O professor sábio estabelece tal correlação.

BOM HUMOR É IMPRESCINDÍVEL

O bom humor, o riso e a espontaneidade são ingredientes necessários à sensação de liberdade. O bom humor difere da ironia. Pessoas livres aprendem mais e melhor. **O professor tem de entender que dentro da classe ele tem uma função específica; ele quase que interpreta um personagem.**

A força da timidez está em considerá-la invencível. Na hora em que o tímido começa a quebrar uma de suas pontas, ela não resiste e começa a ruir. Basta o professor soltar-se um pouco e, quando menos esperar, já a terá superado.

O DOMÍNIO DA MOVIMENTAÇÃO CÊNICA

O professor precisa provocar captar a atenção dos alunos para o que ele está falando. O que a gente vê não esquece, o que nem sempre ocorre com o que lemos.

Os alunos aprendem muito mais por meio de imagens do que de símbolos

AVALIAÇÕES MAIS EFICAZES

Por **Renata Gonçalves** (<http://monografias.brasilescola.com/pedagogia/disciplina-limite-na-medida-certa>)